

## Aldeia de Açores

A aldeia dos açores fica a cerca de 10 km de Celorico da Beira. Em tempos foi sede de um Episcopado Visigótico, manteve outrora o estatuto de vila. Durante séculos tem sido local de peregrinação e culto da Nossa Senhora do Açor, cuja imagem se situa no altar-mor da Igreja Matriz e a quem são atribuídos diversos milagres representados nas ingénuas telas datadas do século XVIII que ornamentam a Capela Mor. São também dignos de um olhar atento aos retábulos barroco – joaninos e os azulejos das paredes.

Neste Santuário encontra-se o túmulo de uma princesa Visigóda de seu nome Suintiliuba que terá falecido no ano de 666 d.C, filha de um Rei que ali se deslocou em peregrinação.

Os pontos de Interesse de Açores:

- ✚ Igreja Matriz
- ✚ Monumento de Nossa Senhora de Açor
- ✚ Pelourinho
- ✚ Largo
- ✚ Casas Brasonadas



## **Antiga Albergaria e Hospital agora denominada Casa da Fortaleza**

Ao lado da Igreja, fica a velha Albergaria do séc. XII, de apoio a viajantes e peregrinos, que se terá acrescentado no séc. XVI, foi também o Antigo Hospital e Albergaria de Linhares, edifício de raiz medieval, cuja fachada principal é dominada por arco de volta perfeita de acesso ao interior tornando-se então hospital. O povo fez daquele antiquíssimo monumento, a residência de Dona Lôpa, que era servida pelo demónio, por isso na fachada principal podem-se observar duas gárgulas, que são identificadas com o Diabo e a Cabra, também existe um nicho com a imagem de Santo António.

Hoje é apenas um centro de dia, com a finalidade principal de fazer as refeições diárias para as pessoas mais idosas que já não se atrevem a cozinhar sistematicamente.



## Castelo Celorico da Beira



## Castelo de Linhares da Beira

A construção do Castelo de Linhares, sobre um enorme maciço granítico, remontará a meados do século XI, aquando da conquista definitiva deste território aos muçulmanos por Fernando Magno.

Tipologicamente trata-se de um castelo românico-gótico, constituído por dois recintos muralhados fechados, de configuração alongada. Apresenta duas torres: a Torre de Menagem de planta rectangular integrada no troço de muralha separador dos dois recintos e a Torre do Relógio adossada ao pano de muralha exterior.

Possui quatro portas: uma primeira orientada a Sul, abrindo para o recinto de menor perímetro, em arco de volta quebrada e coberta com abóbada de berço quebrado, uma segunda no pano de muralha do lado oposto e em arco pleno, uma terceira no pano separador dos dois recintos, em arco de volta quebrada e uma quarta conhecida por porta da traição. O traçado do castelo de Linhares, bem como de todas as outras fortificações localizadas na raia, serão da responsabilidade do reinado de D.Dinis e do seu vasto programa de construção e requalificação de fortificações.



## FORCA – FORNOTELHEIRO

Num monte fronteiro denominado Pendão ou Outeiro da Forca ainda se erguem os braços sinistros do difamante instrumento composto de duas colunas de pedra de 3 metros de altura que se levantam paralelas, notando-se nas partes superiores as chafraduras em que se apoiava a barra transversal donde pendiam os supliciados.



## **Fórum Romano- linhares**

O fórum, que foi tribuna para assento dos homens bons do concelho e que, no espaldar da sua sedia maior, tem inscritas as antigas armas da vila, e era neste local, com bancadas e mesa de pedra que se tomavam as decisões de carácter administrativo e judicial muito anteriormente à existência do edifício da Câmara. Mesmo por debaixo situa-se a fonte de mergulho.



## Janelas Manuelinas Quinhentistas de Linhares

Linhares é vila antiquíssima, de fundação medieval, com primeiro foral outorgado ainda por D. Afonso Henriques. A antiguidade do seu povoamento determinou a primeira estrutura da malha urbana, que se expandiu entre os séculos XII e XIV, mas o período de prosperidade económica e desenvolvimento conhecidos ao longo do século XVI representa, de forma ainda mais marcante, a configuração da vila.



Assim se destacam naturalmente, pela beleza, pelo pitoresco, e certamente pelo abundante número de exemplares, os elementos manuelinos das fachadas de muitas casas particulares, pertencentes a gente de maiores posses. Tratavam-se, na sua maioria, de habitações da burguesia local, muitas vezes ligada ao comércio, e

incluindo vários judeus. Estes residiam na judiaria, que se desenvolvia em torno da Rua da Judiaria, uma travessa da Rua Direita (antiga Rua da Procissão), na vizinhança do castelo, hoje denominada de Rua do Passadiço, visto que o seu primeiro prédio integra o vão de acesso ao bairro.

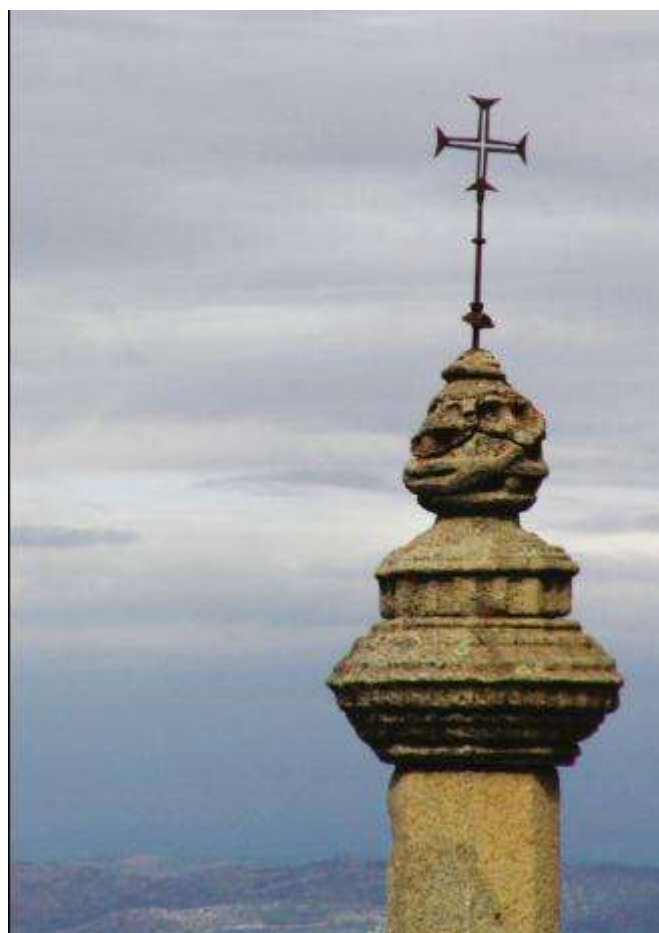
Nesse mesmo prédio, quinhentista, actualmente conhecido por Casa do Judeu, e deitando sobre o passadiço, aberto por arco abatido, está uma das mais interessantes e ricas janelas manuelinas de Linhares. A casa onde se rasga o vão é um prédio nobre, de boa construção, com fachada em alvenaria de granito. Não se conhecem os proprietários originais, a quem é atribuível a encomenda da janela, mas sabe-se que em 1523 era donatário da Judiaria o fidalgo Francisco de Almeida, que recebia 5000 réis anuais de renda pela mesma. A janela consta de um arco duplo, trilobado no intradorso e conopial no extradorso, rematado por três grandes cogulhos. Os arcos assentam em delicados capiteis lavrados, sobre finos colunelos lisos e mísulas molduradas.





## PELOURINHO DE LINHARES DA BEIRA

Linhares terá sido habitada deste tempos muito remotos, sendo muito provável que o primitivo burgo medieval se tenha desenvolvido sobre um antigo castro romanizado. A conquista cristã de Linhares foi alcançada ainda no reinado de D. Afonso Henriques, e conduziu a um precoce repovoamento do território, que recebeu o primeiro foral ainda das mãos deste monarca, em data incerta, mas antes de 1169 (data da sua primeira confirmação). A vila seria sede de concelho e comarca durante muito tempo, tendo vários concelhos sob a sua jurisdição. O concelho foi extinto, e anexado ao de Celorico da Beira, do qual é hoje uma freguesia, em 1855.



A antiguidade da ocupação deste território ficou patente na ainda perceptível estrutura medieval da povoação, embora esta tenha atingido o seu período de

apogeu no reinado de D. Manuel, do qual restam igualmente vários testemunhos arquitectónicos, entre os quais se inclui o pelourinho.

Este datará dos anos imediatos à outorga de foral novo manuelino, dado em 1510. Ergue-se num largo central da freguesia, junto ao antigo edifício dos Paços do Município e ao célebre fórum romano, que exhibe as armas da antiga vila. É composto por um soco de três degraus oitavados, de pedra rusticamente aparelhada, sendo o inferior de dupla altura, sobre o qual se levanta o conjunto da coluna e do remate. A coluna tem fuste prismático, com base quadrada talhada no mesmo bloco, e ornamentada com quatro pequenas esferas nos ângulos. A coroar o Pelourinho uma ornamentação heráldica: a Esfera Armilar e a Cruz de Cristo, símbolos de D. Manuel, colocados em todos os edifícios por este rei mandados construir ou remodelar.

## Ponte da lavandeira

Apesar de ser no Séc. I ao séc IV a provável edificação de uma ponte no local, foi no séc. XVI a construção da denominada Ponte Nova. Na primeira metade do Séc. XVIII, tiveram lugar obras de remodelação da ponte por ordem de D. João V.

A actual Ponte da Lavandeira possui uma arquitectura civil de equipamento, moderna e barroca. Ponte de arco, com tabuleiro em cavalete, assente em três arcos de volta perfeita, com pilares protegidos por talhamares. O tabuleiro tem pavimento em lajeado de granito. O cruzeiro é barroco, assente em embasamento e plataforma quadrangulares, onde assente dupla ordem de plintos e cruz latina. Na ponte, estabelecia-se o entroncamento de duas importantes vias romanas, a que ligava Viseu a Celorico e a que ligava Braga a Mérida, tendo, nos topos, um cruzeiro e uma pedra de armas reais. A ponte possui talhamares a proteger os pilares, a jusante e montante, e mantém o pavimento em lajeado de granito. O cruzeiro possui duas ordens de plintos, o inferior emoldurado, com a face principal tripartida e ornada, enquadrando um nicho de "alminhas". O segundo plinto é galbado e ornado por elementos decorativos.



## S.Gens

O núcleo arqueológico de S. Gens localiza-se numa encosta suave e planície que se lhe segue, junto à zona de confluência da Ribeira dos Tamanhos com o Rio Mondego.

A sua ocupação ter-se-á iniciado na época romana (sécs. I-IV) e prolongado até finais da Alta Idade Média (sécs. XI-XII).

S. Gens terá mantido ou mesmo aumentado a sua importância, sobretudo durante a Reconquista (sécs. IX - XI). Além da continuidade de ocupação do povoado surgido na época romana, datará desta altura, visto não se terem identificado vestígios de épocas anteriores, a construção de um castelo rural, isto é, de um pequeno reduto defensivo para refúgio das populações. Deste, conservam-se ainda vestígios de uma cerca pétreia que aproveita a presença de vários blocos graníticos. Foram já detectadas quarenta e oito sepulturas rupestres, um sarcófago e três lagaretas. Entre as sepulturas predominam as de forma antropomórfica, nomeadamente as de duplo antropomorfismo. Apesar da sua importância, apenas as sepulturas se encontram, por agora, visíveis e passíveis de serem estudadas, pois o resto corresponde a vestígios a superfície, de uma realidade passada, existente no subsolo, ainda por descobrir.

